

A PATERNIDADE DE DEUS COMO PROBLEMA

Prof. Ms. Donizete José Xavier

RESUMO

O problema da paternidade de Deus é de fato um desafio para a teologia contemporânea, temos que perguntar pelo o que afeta as condições dessa paternidade. Não somente a razão adulta desafia a imagem de Deus-Pai. Como falar da paternidade de Deus frente ao sofrimento dos inocentes, frente às barbáries cometidas contra os pobres e diante de todas as situações de injustiças geradora desta multidão de vitimados? Pode Deus continuar sendo Deus Pai com as mesmas imagens que apreendemos ou assimilamos ao longo da história? É possível falar de um Deus-Pai-Todo-Poderoso e bom ao mesmo tempo?

Palavras-chave: Paternidade, Deus-Pai, vida, teologia, tecnologia.

ABSTRACT

The problem of the God paternity is, in fact, a challenge to the contemporaneous theology. We may question by what affect this paternity conditions. It's not only the adult reason that challenges the image of God-Father. However, how to talk about God paternity facing to the innocents' suffering, facing the barbarities committed against the poor people and in the face of all the injustice situations producer that crowd of victims? Can God to continue being God-Father with the same images that we have learned, or assimilated throughout the history? Is it possible to talk about a Powerfully God-Father and good at the same time?

Key words: Paternity, God-Father, life, theology, technology.

INTRODUÇÃO

A questão da paternidade de Deus constitui um tema fecundo para a atualidade, pois estamos na presença de um círculo hermenêutico onde a reflexão sobre Deus Pai se faz necessária e altamente qualificada¹. O Deus cristão é sempre o mesmo, é o Deus que se revela na história e faz dessa história o seu lugar.

Mas é preciso, e aqui uma questão de método, redefini-lo a partir de novos paradigmas que brotam do processo de inculturação do evangelho para assim podermos dizer algo de Deus-Pai. É preciso compreender a mesma mensagem revelada em toda a sua riqueza². Deus se tem manifestado e segue dando-se permanentemente a conhecer como Deus Pai. Mas essa manifestação paterna de Deus se apresenta como problema diante das questões que hoje se levantam.

Não somente as perguntas que colocam em xeque a questão de Deus-Pai norteiam as inquietações do homem, mas também a busca de sua autonomia, a sua declaração de independência e o seu desejo iminente de gerir a própria vida. O homem está fascinado pelo poder que está em suas mãos. Se sente cada vez mais atraído para si mesmo, assumindo de maneira patente um antropoteísmo que o classifica como deus de si mesmo.

Falar de Deus Pai num contexto de auto-afirmação do homem onde esse reclama a sua totalidade e exclusividade não pode haver espaço para um Outro. Então declara-se escancaradamente um silêncio a respeito de Deus e uma indiferença religiosa. O homem que no passado acentuou a “fuga mundi”, agora sem nenhum escrúpulo anuncia uma “fuga Dei”, como um grito de liberdade e autonomia e chegando ao fascínio do poder que está em suas mãos exige para si as prerrogativas de Deus. Se o homem se declara Deus de si mesmo, então lhe resta apenas uma coisa: eliminar este Deus para garantir o seu espaço. Estamos diante de um verdadeiro parricídio, a concretização do desejo iminente da eliminação de um Deus que seja pai³.

¹ CIOLA, Nicola. *Cristologia y Trinidad*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2005, p. 77.

² Ibidem. p. 77.

³ Bruno Forte observa: “A crítica à figura do pai-patrão vai desaguar assim na pretensão da radical negação de Deus; tal como não deve existir na terra nenhuma paternidade que crie dependência, assim também não pode haver no céu nenhum pai de todos. Não existem

1. O PROBLEMA DA PATERNIDADE DE DEUS

Será que quando falamos de Deus, há um consenso daquilo que ele é e como se tem revelado aos homens desde o seu ato criador? Ao longo da história da humanidade temos assistido tantas interpretações e forma de compreendê-lo. Mas desde Feuerbach que percebia a Deus como mera projeção dos desejos e necessidades humanas, bem como Marx que falava de Deus como ópio do povo, e Freud que interpretou a Deus como pura ilusão duma consciência infantil que se recusava a amadurecer-se como adulta e tantos outros que não perceberam a Deus como uma realidade transcendente, mas como o próprio mundo na sua totalidade. Destas afirmações persistem a dúvida na fé de um Deus que é Pai e que cuida de todos.

Mas não somente a razão adulta desafia a imagem de Deus-Pai. Também as indagações sobre Deus brotam das injustiças cometidas pelos homens e pela “indiferença de Deus-Pai frente à dor e o drama dos inocentes. O escândalo do mal continua anunciando como Nietzsche, a morte de Deus. “Como é que pode um Deus que é Pai e que dá assistência às suas criaturas permitir essa dor incomensurável?”⁴ Essa pergunta sobre Deus desafia também o seu anúncio: Como falar da paternidade de Deus frente ao sofrimento dos inocentes, frente às barbáries cometidas contra os pobres e diante de todas as situações de injustiças geradora desta multidão de vitimados? Pode Deus continuar sendo Deus Pai com as mesmas imagens que apreendemos ou assimilamos ao longo da história? É possível falar de um *Deus-Pai-Todo-Poderoso* e bom ao mesmo tempo? Todas essas perguntas não nos levariam a repensar as categorias da linguagem que definimos a Deus e o lugar desta mesma linguagem?

paterners divinos, não há outro mundo, existe apenas esta história, este horizonte: a única idéia do divino que pode subsistir diante do tribunal da razão adulta parece aquela de um Deus morto, sem sentido, inútil (*Deus mortuus, Deus otiosus*). O assassinio coletivo do Pai se consuma na convicção de que o ser humano deverá gerir por própria conta a sua vida, construindo o próprio destino apenas com as próprias mãos: as ideologias modernas, de direita ou de esquerda, tem perseguido a meta ambiciosa de emancipar os moradores do tempo de modo tão radical que os transforme de objeto em sujeito exclusivo da sua história, ao mesmo tempo origem e meta de tudo aquilo que se passa”. FORTE, Bruno. A essência do Cristianismo. Petrópolis: Vozes, 2003, p.14-15.

⁴ CANTALAMESSA, Ranieiro. O Pai: Fonte de amor e misericórdia. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 6.

O problema da paternidade de Deus é de fato um desafio para a teologia contemporânea, temos que perguntar pelo o que afeta as condições dessa paternidade. Se de um lado se declara a morte social de Deus, do outro, persiste no campo de certa religiosidade e até mesmo na busca de determinadas espiritualidades a imagem de um deus-miraculoso, do “*deus ex machina*”⁵ que atua desde fora como um interventor imediatista que mudaria a história ao seu bem querer. Diante desta imagem de Deus, tal como criara Eurípedes diante da tragédia grega, Deus permanece indiferente e distante do grito de suas criaturas.

O “*deus ex machina*” da tragédia grega não pode responder ao clamor dos homens que sofrem, permanecerá apático e indiferente, cruel e injusto. Diante deste Deus o homem é um ser angustiado, está afetado por uma angustia incurável, pois está fadado ao nada em sua grande tragédia. Mas esse não é o Deus de Jesus Cristo, o Deus revelado, o Deus afetado de alguma forma pela dor humana. Pois se Deus não está afetado pela dor humana, qual é o sentido a paixão de Cristo? O que podemos dizer de Deus frente o sofrimento dos inocentes depende do que podemos dizer de Deus depois da paixão morte e seu Filho. Mas se Deus permanece impassível a paixão de seu Filho e a paixão dos homens, “*então, conseqüentemente, a paixão de Cristo não poderá ser considerada nada além de uma tragédia humana e não um poder redentor em sua paixão*”⁶.

O Deus revelado é o Pai que compartilha com os seus filhos a totalidade da sua história. Deus está envolvido deste de dentro na história dos homens e por isso assume o risco do humano, está afetado por essa mesma história desde a encarnação de seu Verbo. Um Deus afetado pela história humana vai até as ultimas conseqüências dessa mesma história. Por isso não é inconsistente do ponto de vista da revelação de Deus buscar a tensão e a dialética existente entre a revelação do seu mistério e o seu escondimento. Há um caráter paradoxal da manifestação de Deus no ocultamento, Deus segue no desdobramento da história doando-se a conhecer permanentemente.

⁵ Assim afirma Joseph Ratzinger: “O Deus cristão não veio como um *deus ex machina* para por tudo em ordem, miraculosamente e a partir de fora; veio, isso sim, como o Filho do homem, para partilhar a partir de dentro a paixão do homem”. RATZINGER Joseph. Fé e Futuro. Lisboa: Princípia, p. 90.

⁶ MOLTSMANN, Jürgen. Trindade e Reino de Deus – uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Vozes; 2000, p. 36.

Neste sentido, podemos dizer que sua revelação no percurso da história vai tornando cada vez mais patente o seu mistério de vida e amor.

2. CRER NO DEUS DA VIDA

Deus em sua revelação e em seu mistério é o fundamento e o princípio objetivo do conhecimento teológico, junto a esse princípio objetivo encontra-se a fé como referência ao sujeito da revelação. A fé tem uma dimensão objetiva e outra subjetiva, é dom doado e dom recebido, ela precede no coração do homem por ser dom de Deus e concomitantemente resposta desse homem que faz da fé uma entrega radical a esse Deus que se manifesta e se revela.

A fé está voltada para a vida. Não é sem significado que a profissão de fé inicia-se dizendo: “*Creio em Deus Pai-todo-poderoso Criador do céu e da terra*” O Deus-Criador é o Deus inventivo que compartilha tudo de si. Neste sentido a ação criadora de Deus é infinitamente transitiva, pois quando mais a criatura realiza, muito mais a ação criadora de Deus se expande e se realiza. Ao contrário do que programou Feuerbach, Marx, Freud e outros, a criação aponta para sua meta escatológica, ou seja, para a plenitude do Reino de Deus tal como contempla o celebre anacoluto paulino: “*Deus tudo em todos*”⁷. Aqui a fé ganha a sua eloquência, é acolhimento de Deus e de sua ação criadora, neste sentido, o acolhimento de Deus e de sua graça criadora, não é alienação, muito menos mera projeção interior, é, o processo evolutivo da maturação humana e da história entronizados no pleroma de Cristo, tornando-se plenos na plenitude pela plenitude⁸.

Se o tema da vida é o ponto neurálgico para as indagações que se levantam sobre Deus, é mister ressaltar que o Deus de Jesus Cristo, é o Deus da vida do qual nós cremos. Afirmar a fé nele, como afirma Gustavo Gutiérrez: “*implica rejeitar uma situação desumana que por sua vê, dá conteúdo e urgência à proclamação do Deus da vida*”⁹. Uma opção fundamental pela vida situa o ser humano em sua própria consistência ontológica e teológica. O ser humano de-per-si é um ser relacional, está constituído como

⁷ Cf. 1 Cor 15,28

⁸ Cf. 3,19; Cl 2,10.

⁹ O Deus da Vida. São Paulo: Loyola; 1992, p. 11.

comunidade, por isso como família. O Deus da vida esbanjou-se em amor ao gerar para si uma família.

Creemos no Deus da vida, que se faz presente na história humana como comunicador da vida. É o “*Deus amor*” (1 Cor 4,8). *Esta fórmula joanina resume a revelação bíblica sobre Deus. O amor dá a vida, por isso Deus é chamado também de Pai. Ele está no início de tudo quanto existe*¹⁰. Se olharmos do ponto de vista da fé cristã, podemos dizer que a fé está voltada para a vida. Crer no Deus da vida é afirmar a própria vida em todos os seus níveis, pois a mesma é concomitantemente dom e reflexo de Deus. Deus é a vida e a vida reflete o ser de Deus.

A grande dádiva de Deus. Deu-nos a vida, para dizermos aquilo que ele é. Neste sentido, mesmo naqueles momentos em que a vida se encontra obscurecida pelo sofrimento e pela dor, pelas incertezas e deficiências o nosso sim a vida, resplandece nossa aceitação a esta dádiva de Deus. Para a fé cristã não existe nenhuma vida inútil e desprezível, nenhuma vida é descartável e insignificante. Onde quer que haja vida, essa deve ser defendida, pois mesmo com suas sombras e inevidências, é dom e reflexo de Deus.

O ser humano não é “imperfeito” ou defeituoso, tão mesmo doente ou deficiente naquilo que está constituído ontologicamente. Deus o capacitou, pelo fato de criá-lo como um ser receptivo e por isso dignificou a sua existência. Lembro-me da celebre frase de Jean Vanier, fundador da Arca, comunidades onde são acolhidas pessoas portadoras de limitação mental, e que dividem uma vida simples e fraterna com assistentes, crescendo juntos, com dignidade e respeito. Dizia Jean Vanier: “*Acreditamos que cada pessoa com limitação mental ou não, tem um valor único e misterioso, possuindo assim os direitos de cada ser humano: direito à vida, à educação e ao trabalho*”¹¹.

Com esta afirmação de Jean Vanier, podemos recordar o que diz o Concílio Vaticano II: “*Cresce a consciência da excelsa dignidade da pessoa humana, de sua superioridade sobre as coisas e de seus direitos e deveres universais e invioláveis*”¹². Esta afirmação conciliar é por si uma expressão querigmática, anuncia e reafirma a boa nova sobre o mistério do homem,

¹⁰ GUTIÉRREZ, Gustavo. O Deus da Vida. São Paulo: Loyola; 1992, p. 23.

¹¹ Carta fundamental das comunidades da Arca

¹² GS 26

este possui uma dignidade sem igual que o faz superior as outras criaturas pelo fato da possibilidade de comparar-se com Deus. Na sua grande obra, Cidade de Deus, Santo Agostinho diz que o homem é quase um Deus¹³. Mas qual é o sentido da sua superioridade? É o fato de ter sido criado à imagem e semelhança de Deus. Esta condição-oferecida e acolhida estabelece uma relação singular com Deus. Dela se professa que todo ser humano possui um valor absoluto e incondicional, é, uma parábola de Deus, é, o “*alter ego de Deus*”. Esta afirmação contém em si mesma um valor ético-teológico: um atentado contra o homem é um atentado contra a dignidade de Deus. Neste sentido, é preciso ressaltar o primado ontológico e a prioridade epistemológica da Revelação de Deus aos homens. Deus quis livremente comunicar-se aos homens. Quis dar-lhes aquilo que Ele é.

Deus é Amor, isto é, em sua intimidade é comunicação vital. Em Deus amor e vida são sinônimos. Mas Deus não se encerra em si mesmo, Ele é amor vital e dinâmico, neste sentido, amor compartilhado, compreendido como abertura de sua comunicação vital. “*Deus é a mãe que dá vida dando amor*”.¹⁴ A vida como dom-doado é confiada a todos para compartilharem a vida de Deus. A vida enquanto dom-doado possui um princípio regulador das relações entre os homens. A dignidade do homem é inviolável porque nela Deus se faz refletido.

Considerando a prioridade epistemológica da Revelação, podemos dizer que a existência humana é considerada fundamentalmente como resposta à con-vocação de ser, sem a qual não seríamos¹⁵. A essência do ser humano, não está num projeto pré-estabelecido por ele mesmo, nem em auto-projeções, o que garante a essencialidade do ser humano é a sua capacidade de resposta. Sendo um ser receptivo é concomitantemente um ser dotado de uma capacidade de ser interlocutor de Deus e responder a seu amor. A vida vivida é sempre uma resposta, porque é uma experiência dialógica. Deus criou o ser humano para si, para poder dialogar com ele e assim compartilhar a sua vida. Segundo Tomás de Aquino, o homem por

¹³ AGOSTINHO. A Cidade de Deus, XIV, 13,2.

¹⁴ BALLESTER, Martín Gelabert. *Jesucristo, revelación del misterio del hombre – ensayo de antropología teológica*. p. 44

¹⁵ DUQUE, João. *Homo Credens* para uma teologia da fé. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004, p. 48.

ser imagem de Deus, possui na alma a capacidade para a graça¹⁶. Mas o que é esta graça da qual o homem é portador? Graça é o acolhimento do amor-comunicado de Deus por parte do homem, que está constituído ontologicamente por esta capacidade de resposta por ser imagem de Deus.

A teologia e o Magistério têm insistido no pressuposto que o ser humano foi constituído “em santidade e justiça”. Esta afirmação é indicativa, pois nos remete aquela relação estabelecida pelo criador, que desde si mesmo, em seu amor incriado, nos oferece sua amizade e com ela a possibilidade de participar da sua vida divina. Deus tem um desígnio de amor para o homem. Neste desígnio amoroso encontra-se a verdade da sua vida, da sua existência, portanto sua mais nobre realização. Assim afirma o Concílio Vaticano II:

A razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus. É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus por amor, e por ele, por amor constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e se entregar ao seu Criador¹⁷.

A vida enquanto dom-compartilhado, além de ser uma convocação é uma inquietação bíblico-teológica. “*A Bíblia é o livro da vida. De toda a vida, cuja fonte é o amor de Deus. Os que nele acreditam devem ser amigos da vida*”¹⁸. Sendo a Bíblia o livro da vida, ela sempre nos convoca para a promoção e a defesa da vida, nos remete a profecia e nos garante a ação inseparável do Espírito Santo de Deus. No cerne da vocação profética de toda a Igreja está o testemunho e o anúncio do Deus-Pai, origem e princípio de tudo, o Deus vivificador e transbordante em amor e ternura.

O Deus da Bíblia, “O Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó e de Jesus Cristo” é o Deus mistagógico, o entronizador ao Mistério de si mesmo. É o Deus-Amor que tudo envolve e se envolve, o Deus do *pathos* e não da apatia, o Deus do *dynamis*, da potência inventiva e criativa. O Deus que deste a afirmação elementar da tradição judeu-cristã está “no princípio criando o céu e a terra”. Ele desde o princípio se nos apresenta como o Deus da

¹⁶ Suma de Teologia, I-II, 113, 10c

¹⁷ Gaudium et Spes, 19.

¹⁸ GUTIÉRREZ, Gustavo. Op. cit. 33

vida que é Pessoa criadora e salvadora. É o Deus incansável que desde o princípio está abrindo espaço em si para que a criatura seja. Um Deus da vida é o Deus redentor por isso o Deus habitável, que não se fecha em sua substância suprema, mas que criativamente se põem em movimentação porque é Amor-Acolhedor e Convidador. É o Deus do chamamento, do espaço cedido, da exclusiva e inclusiva intimidade divina.

Do ponto de vista teológico, no princípio está Deus, ou seja, uma pessoa, uma vontade e uma liberdade. No princípio, não está uma idéia, uma ideologia ou uma filosofia de vida, está uma pessoa concreta, um sujeito, uma intenção-incriada e não uma necessidade ou um acaso. No princípio está Deus, criando e salvando. Está à paternidade originante, a fontalidade gestadora, o seio protetor e promotor da vida.

Neste paradigma criador e inovador, instaura-se o primado da liberdade humana, pois esta como dádiva de Deus está inscrita no coração do homem. Então, desde o ato-criador, a liberdade humana torna-se articuladora do tecido social da existência criada. É ela, que conduzirá o mundo e não a fatalidade, tão menos o roubo ou a extorsão dos salteadores, como afirma o mito de Prometeu. Esta liberdade adquirida é original e originante, neste sentido não é somente um direito inalienável, mas o princípio de todas as coisas criadas.

Penso que aqui, temos que fazer uma pergunta fundamental. Se o homem está dotado desta liberdade, por que há a necessidade de se colocar Deus na origem de tudo ser criado? O ato-criador é por si revelador. Ao criar Deus está se revelando, não como um ciumento e egoísta, mas como o Deus que não estabelece obstáculo para que o ser humano seja, ao contrário, se retira de si mesmo para si mesmo, tornando possível assim a criação. O ato da criação é precedido pela auto-humilhação divina¹⁹. Então, se Deus está na origem é porque não estamos prisioneiros na imanência duma natureza que

¹⁹ O teólogo Jürgen MOLTSMANN, desenvolve com propriedade em sua teoria da criação, Deus na Criação de 1985, onde adota o pensamento cabalístico de *Zimzun* de Isaak Luria, que põem em relevo a autolimitação de Deus em benefício de sua criação. Moltmann afirma que segundo a cabala, o infinito, cuja luz originalmente preenchia tudo, retrai sua luz eterna e criou, por meio disso, espaço vazio, isto é, vazio de Deus. Se isso equipara espaço e luz, então se pensa na luz como primeira criatura, mas na luz da luz incriada da divindade. Pela autolimitação do eterno surge o espaço vazio, o nihil, em que o Criador então pode chamar o não-ser a existência. MOLTSMANN, Jürgen. Ciência e sabedoria – um diálogo entre ciência natura e teologia. São Paulo: Loyola; 2007, pp 145-162.

ditaria as suas próprias leis. Na liberdade estamos envolvidos numa relação de alteridade e cumplicidade que nos põe em atitude de abertura perante o mistério do Transcendente e o mistério do homem. Diante deste mistério do qual nos deparamos, somos responsáveis e temos que responder a nossa capacidade de abertura ao Transcendente.

A liberdade, jamais é alienante, é, e digo com toda veemência, sempre servicial. É sempre liberdade para, para amar, para gerar enfim, uma liberdade que se põe diante de Deus na escolha maior de aceitá-lo ou rejeitá-lo²⁰. Estamos diante da liberdade teológica, ou fundamental, aquela que sempre envolverá o ser humano na sua totalidade para a vida e para a morte.

3. O PROBLEMA DO DEUS DA VIDA DIANTE DOS AVANÇOS TECNOLÓGICOS

Se hoje os avanços tecnológicos: a informática, as telecomunicações e as biotecnologias ganham expressões significativas, concomitantemente cresce também assustadoramente o individualismo, a indiferença e a sedução de tudo poder manipular. O ser humano está seduzido pelo poder que está em suas mãos: manipulação da vida. Como afirma Paula Sibilia, autora da célebre obra, o homem Pós-orgânico: “[...] *A sociedade atual assiste, portanto ao surgimento de um tipo de saber radicalmente novo, com um anseio inédito de totalidade. Fáustico, ele pretende exercer um controle total sobre a vida, superando suas limitações biológicas; inclusive, a mais fatal de todas elas: a mortalidade*”²¹ .

O fascínio do poder e da manipulação que se encontram nas mãos dos homens, reafirmam sua autonomia²² e concomitantemente sua indiferença

²⁰ RAHNER, Karl. *Hörer des Wortes; zur Grundlegung einer Religionsphilosophie*. Munchen, Kosel, 1963. p. 209. In Congresso internacional da Vida Consagrada. Paixão por Cristo, paixão pela humanidade. São Paulo: Paulinas, CRB, 2005. p. 173

²¹ O homem Pós-Orgânico – corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, 2003, p. 50.

²² A época moderna está caracterizada pelo redescobrimto da autonomia do homem. Nesta fase da história a evidencia recai sobre as coisas que estão nas mãos e aos olhos do homem. Há uma mudança inevitável, se antes se compreendia os seres criados desde Deus, nesta mudança paradigmática se compreende Deus deste os seres criados. O que caracteriza este momento de sedução e fascínio é concretização daquele processo sutil iniciado fortemente no Renascimento: a reclamação da autonomia do homem. Este processo desencadeou na

com as conseqüências dos seus atos. O homem fascinado pelo poder que está em suas mãos segue do ponto de vista do método, um programa antropológico com características feuerbachiana, ou seja, assumindo o mundo como tarefa e ultimato de si mesmo.

O homem segue um caminho postulatório onde não há limites físicos, nem limitações morais e muito menos metas escatológicas²³. Este se encerra em si mesmo e torna-se Deus de uma nova criação. Aquela que manipulou e pode até burilar a morte. “[...] *No discursos da tecnociência contemporânea, o fim da morte parece extrapolar todo substrato metafórico para apresentar-se como um objetivo explícito: as tecnologias da imortalidade estão na mira de várias pesquisas atuais [...]*”²⁴.

Com essa realidade verifica-se que de fato instaurou-se até as entranhas da sociedade, o assim chamado fundamentalismo do mercado²⁵. A lógica do mercado reside na competição, na negatividade do valor intrínseco da vida. Quando a competição vem à tona, não há nenhum escrúpulo na eliminação do outro e da vida. Nesta competitividade referencial de um sistema excludente, os inescrupulosos saem fortalecidos, suas ideologias mercantilistas são garantidas, o interesse pelo lucro suprime o interesse pela vida. Num

necessidade iminente da demonstração da não necessidade de Deus, e mais ainda, da necessidade da sua não existência para que o homem possa ser livre e soberano de si mesmo no mundo. CARDEDAL, Olegário González. *La entraña del cristianismo*. Salamanca: Secretariado Trinitário, 2001, p. 108.

²³ Deus já não é mais o ultimato do homem e nem o homem ultimato de Deus. A escatologia como esperança do homem e do mundo segue fadada a um antropocentrismo reducionista que declara a morte social de Deus e concomitantemente a morte real do homem.

²⁴ SIBILIA, Paula. *O Homem Pós-Orgânico*, p. 50. A autora ressalta um artigo publicado no jornal *of Evolution and Technology* onde expor-se as turbulências que afetaram definições da medicina. Em virtude das conquistas tecnocientíficas das últimas décadas, os limites médicos e jurídicos entre a vida e a morte estão sendo revistos: as condições antes consideradas como morte passaram a ser reversíveis, exigindo a elaboração de novas leis, definições e práticas [...] Em conseqüência disso, atualmente os especialistas da área estão discutindo as alterações necessárias na definição técnica de morte, na qual se baseiam as declarações de óbito que permitem tomar uma série de decisões importantes: interromper o suporte artificial à vida, autorizar a extração de órgãos para transplantes, evitar testamentos e enterrar os corpos” p. 51.

²⁵ O mercado é tudo, e dentro de sua lógica encontra-se a solução dos problemas sociais. Foi o fundamentalismo do mercado que conferiu centralidade ao capital financeiro que vive de especulação a nível mundial, arruinando perversamente economias inteiras de países periféricos e fracos. BOFF, Leonardo. *Princípio de Compaixão e Cuidado*, Petrópolis: Vozes, 2001, p. 7.

contexto de economia de mercado o que vem primeiro é a preocupação de cuidar dos próprios interesses individuais. Aqui o individualismo é avassalador e impiedoso, ele assassina toda e qualquer possibilidade de relacionalidade. O comunitário se deteriora na ênfase do eu e fica submetido ao jugo dos interesses capitalista.

Diante disto, podemos dizer que o ser humano parte para um caminho de exílio, diria, para um caminho de fuga de sua veracidade. Ele foge de si e se perde em si mesmo, se encanta consigo mesmo repatriando aqueles arquétipos que outrora fora chamado de mito de Narciso. Estamos diante de um neo-narcisismo, de encantamento consigo mesmo e de recusa e desobediência da voz da consciência que fala dentro de nós. “a consciência é Deus em nós²⁶”, o homem não tem poder sobre ela, pois não é o seu criador, neste sentido, ele não pode destruí-la, muito menos silenciá-la, mas pode, e assim o faz com toda veemência, desobedece-a enveredando-se pelo caminho da recusa e da negação.

Esta recusa se materializa na afirmação da “*idolatria do eu*”, e inaugura a instalação de um novo estágio de individualismo autorizado por um capitalismo hedonista e permissivo. Concomitantemente surgem novos tipos de dominações, totalmente sofisticadas, levando os seres humanos a mergulharem num desespero trágico, classificado por Bruno Forte como a “*noite do eu*”²⁷. Os seres humanos se vêem envolvidos até as entranhas, num egocentrismo, numa auto-suficiência e num etnocentrismo. O “*eu*” é a grande metáfora do homem pós-moderno, onde apenas a esfera privada parece sair vitoriosa. Então, tornou-se possível viver sem ideais, sem finalidades transcendentais²⁸. O tornar-se possível viver desta forma, conduz o ser humano ao desespero, a descentralização, a alienação e a indiferença.

²⁶ BOFF, Leonardo. Seleção de textos espirituais; Petrópolis: Vozes, 1991, p. 64.

²⁷ Expressão de Bruno Forte para expressar a metáfora do contexto da modernidade. Tempo da razão adulta.

²⁸ LIPOVETSKY, Gilles. A Era do Vazio – ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005, p. 33.

É evidente que diante de tal situação, precisamos nos indagar, levantar questões do ponto de vista ético²⁹ e moral³⁰. É preciso resgatar aquela antropologia da vocação que redimensiona o caminho do homem, ou seja, evidenciar que o homem enquanto ser criado é concomitantemente criador em relação a si mesmo, deve torna-se o que é, realizando na sua existência o apelo a sua essência³¹. Nós somos à medida que nos relacionamos, neste sentido, negar a relacionalidade é negar a si mesmo, porque o homem é em sua essencialidade relação. Relação pressupõe movimento, dinamicidade, sair de si para buscar o outro, para encontrar o outro, para perder-se no outro, permitir que o outro seja verdadeiramente outro, assim ser verdadeiramente eu mesmo. O homem é um ser pericorético.

Mas quem é o outro diante de um pensamento ideológico e hegemônico? Quem é o outro diante das novas formas de regimes autoritários e oligárquicos? O outro é o considerado “não-ser”, aquele que não é percebido, que é rejeitado, que não é acolhido, aquele que lhe é tirado o direito à vida. O outro neste contexto mundial e de globalização, é a própria negatividade do ser. Estamos diante do que muitos estudiosos têm denominado de “*ontologia da totalidade*”, aqui não há espaço para o outro. O outro está revestido de impessoalidade, neste sentido não há problema se este considerado “*não-ser*” estiver sendo eliminado. Isto já não nos causa indignação ética, nenhum repúdio, mas ao contrário, um desejo iminente de eliminar o outro, pois, o outro está fora da totalidade, este não lhe acrescenta e nem lhe diminui nada. Caímos então no indiferentismo, na perda do princípio de

²⁹ Ética é um conjunto de princípios e valores que guiam e orientam as relações humanas. Esses princípios deverem ter características universais, precisam ser válidos para todas as pessoas e para sempre. O primeiro código de ética de que se têm notícias, principalmente para quem possui formação católica, cristã, são os dez mandamentos. Regras como “não matarás”, “não desejarás a mulher do próximo”, “não roubarás” são apresentadas como propostas fundadoras da civilização ocidental cristã. SOUZA, Hebert e RODRIGUES, Carla. *Ética e Cidadania*. São Paulo: Editora Moderna, 2001, p. 13.

³⁰ É preciso distinguir a diferença existente entre moral e ética. A ética é muito mais ampla, geral, universal do que a moral. A ética tem a ver com princípios mais abrangentes, enquanto a moral se refere mais a determinados campos da conduta humana. Quando a ética desde sua generalidade, de sua universalidade, fala-se de uma moral, por exemplo, uma moral sexual, uma moral comercial. Acho que podemos dizer que a ética dura mais tempo, e que a moral e os costumes prendem-se mais a determinados períodos. Mas uma nasce da outra. É como se a ética fosse algo maior e a moral fosse algo mais limitado, restrito, circunscrito. *Ibidem*. p. 13.

³¹ *Paternidade Divina e Dignidade Humana*, 174.

responsabilidade. Deus parece-nos não mais nos perguntar: “Onde está o teu irmão?” assim como perguntou a Caim e se nos pergunta, não nos indigna respondê-lo como Caim: “*Por acaso eu sou guarda de meu irmão? Onde a responsabilidade falha, já se declara a desobediência ao mandamento de não matar, porque abandonou-se o irmão na solidão da morte*”³². Esse desinteresse pelo outro e pelo valor da vida caracteriza a barbárie de uma sociedade fechada no círculo da morte.

Diante deste contexto, podemos dizer que a dominação tornou-se habitual, o homem está extasiado, fascinado pelo poder que agora se apresenta em suas mãos. Poder demiurgo sobre a natureza e sobre o próprio ser humano³³. O velho axioma cartesiano do “*cogito, ergo sum*”, foi suprimido pelo eu “posso, logo sou”. Se do ponto de vista teológico o “*cogito ergo sum*” há que ser transgredido, por que se encerra em si mesmo; da mesma forma o “*posso, logo sou*”, metáfora do homem pós-moderno, necessita da mesma atitude transgressora. Transgredi-lo para encontrar o caminho do amor; para que o nosso adágio vital seja, “*amo, logo sou*”. É preciso transgredir o desejo da posse e da conquista, para abraçar existencialmente a encarnação do amor. Este caminho de transgressão nos arremessará ao princípio-ontológico, ser homem significa então, conviver e amar.

O amor é fonte originante das atitudes transcendentais, é dele que brota a solidariedade, o desejo, a fome e a sede de justiça. É na experiência do amor que o ser humano se vê afetado pela luta pelo respeito à vida e comprometido com a edificação do entendimento entre os seres humanos e assim se empenha na construção da fraternidade. Com esta compreensão, podemos dizer que estamos diante de uma realidade emergente: uma opção pelo Deus da vida é, uma opção pela vida em todos os sentidos, diante de todas as realidades que ameaçam esta mesma vida. É uma opção profunda e decisivamente teológica. “*A inviolabilidade da pessoa é reflexo da absoluta inviolabilidade do mesmo Deus*”. Posição assumida por João Paulo II reafirmando a defesa que a Igreja faz de toda vida humana.

³² FISICHELLA, Rino. Repensando a fé num momento de mudança epocal. 3 aula, A caminho, em direção a fé. São Paulo, p. 7.

³³ *Fides et Ratio* 46

4. AS QUESTÕES PLANETÁRIAS COMO QUESTÃO TEOLÓGICA

Se hoje, o ser humano se extasia diante do poder que está em suas mãos, é porque criou para si um “complexo de Deus³⁴”. O homem afirma sua autonomia e anuncia sua separação de Deus. É o fenômeno que alguns estudiosos têm denominado como o fim da religião. É evidente que esta separação declarada por parte do homem em relação a Deus traz consigo conseqüências para sua própria natureza e para a questão planetária. Este contexto faz pensar a profética expressão de um teólogo do século XX. “*Não é certo que o homem possa organizar a terra sem Deus. O certo é que, sem Deus, não pode, no fim de contas, senão organizá-la contra o homem*³⁵”.

O homem moderno comporta-se como Deus. Como falamos diante dos avanços da tecnociência se sente cada vez mais todo-poderoso, sem a perceptibilidade dos seus limites nas dimensões humanas de sua historicidade. O fascínio de tudo poder e conhecer, de tudo projetar e dominar declara eminentemente o repúdio e a recusa de Deus. Assim afirma Leonardo Boff: O homem “*não agüenta mais tanto desenvolvimento que já mostra seu componente destrutivo ao ameaçar o destino comum da Terra e de seus habitantes*³⁶”. O homem passa a intervir arbitrária e irresponsavelmente no desígnio criador de Deus. Há que considerar que a sua intervenção em escala planetária apresenta-se como um grande risco que poderá ter conseqüências para o si mesmo e para todos os demais seres vivos na Terra.

A opção pela vida, em relação às questões planetárias, não pode ser vista somente do ponto de vista meramente ético-ecológico, é, e aqui vejo uma pertinência da reflexão da teologia contemporânea; uma questão profundamente teológica. O tratado da criação tem buscado suas raízes na Trindade que se manifesta na história. A criação é obra do Deus Trino, por isso não é inconsistente olhar as questões planetárias sob o prisma da Trindade.

³⁴ Expressão do teólogo Leonardo Boff que enfatiza que o ser humano moderno criou para si um complexo de Deus que o acabrunha. Como afirmamos acima, o homem fascinado pelo poder que está em suas mãos esquece-se de Deus e anuncia a sua auto suficiência. Leonardo afirma ainda, que ao complexo de Deus devemos propor o nascimento de Deus dentro de cada pessoa e da história da humanidade, e sua epifania no universo. BOFF, Leonardo. Saber cuidar – Ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes; pp. 20-21.

³⁵ FR 45-48. Op. cit. In BURGGRAF, Jutta. Teologia Fundamental – Manual de Iniciação. Lisboa: Diel; 2005, p. 174.

³⁶ BOFF, Leonardo. Op. cit. p. 20.

Aqui podemos recorrer à argumentação teológica que compreende o ato de criar como “causar ou produzir o ser das coisas; e, como todo agente faz o semelhante a si, o princípio da ação pode ser considerado segundo o efeito de sua ação”³⁷. Com essa argumentação compreendemos que Deus cria segundo a sua essência, o que é comum as três Pessoas divinas. O Deus criador e o Deus Trinitário, neste sentido criar não é particularidade e exclusividade de uma das Pessoas divinas e sim algo comum a toda Trindade.

A criação brota do amor-incruido do Deus-Trindade. Ela germina da Palavra eterna e do Espírito vivificante³⁸. Como afirmam Santo Tomás de Aquino e São Boaventura; a criação é como um reflexo livre e gratuito das processões³⁹ divinas⁴⁰. Neste sentido, contemplar a criação à luz da Trindade, é reconhecer que Deus habita este planeta⁴¹.

Considerando a criação como que um reflexo das processões divinas, faz-nos pensar na dinâmica própria da Trindade Imanente. O Filho recebe a natureza divina do Pai, ele é engendrado, primeira processão⁴². O Espírito recebe a natureza divina do Pai e do Filho, segunda processão, que acontece

³⁷ PIKAZA, Xavier. *Enchiridion Trinitatis – textos básicos sobre el Dios de los cristianos*. Salamanca: Secretariado Trinitario; 2005, p. 204.

³⁸ Assim afirma o teólogo Xavier Pikaza ao comentar a questão 45, a. 6. da Suma Teológica I. Deus é a causa dos seres por sua inteligência e sua vontade, como o artista o é de seus artefatos. O artista opera pelo verbo conhecido em sua mente e pelo amor de sua vontade para algum objeto. Igualmente Deus Pai tem produzido as criaturas pelo verbo, que é o Filho, e por seu amor, que é o Espírito Santo; e segundo isto as processões das pessoas são razões da produção das criaturas, enquanto incluem os atributos essências, que são a ciência e a vontade. PIKAZA, Xavier. *Op. cit.* 204.

³⁹ É preciso esclarecer o conceito de processão do ponto de vista da teologia trinitária. “Processão” designa o fato pelo qual um ser tem sua origem em outro ser que é o seu princípio. Tomás de Aquino define as processões em Deus como uma ordem ou relação de origem. TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia I*, 41, 1 ad 2.

⁴⁰ As processões divinas chamam-se: processões imanentes, porque permanecem dentro do ser divino; e processões transeunte, porque é a ação criadora de Deus, Ele cria através da Sua Palavra e do Seu Espírito. A criação se encontra para fora da intimidade divina.

⁴¹ Em sua obra *Ciência e Sabedoria – um diálogo entre ciência natural e teologia*. O teólogo Jürgen Moltmann, apresenta uma reflexão sobre o Deus habitável.

⁴² Afirma Tomás de Aquino: “[...] a processão do verbo em Deus tem razão de geração, porque se faz por operação intelectual, que é operação vital; e provem de um princípio que está unido[...] e se encontra nela a razão da semelhança, porque a concepção do entendimento é uma semelhança do conhecido; e, por fim, é da mesma natureza, porque em Deus ser e entender são uma só coisa”. SANTO TOMÁS, *Suma de Teologia I*, q. 27, a. 2, in c.

não por geração, mas por espiração, por via de vontade, por modo de amor⁴³. Essa dinamicidade de Deus permite-nos intuir seu poder criador comum aos Três com configuração na ordem de procedência. O poder criador do Filho procede do Pai e o poder criador do Espírito procede do Pai e do Filho⁴⁴. O Pai como fontalidade não tem de outro o princípio de criar, permanece no ato criador princípio não principiado⁴⁵.

Se recorrermos à tradição bíblica, veremos que no início, no ato criador, encontra-se o Espírito de Deus pairando sobre as águas, bem como a sua sabedoria criadora e sua bondade governante. “O mundo criado é obra do Espírito Criador; deturpá-lo é contristar o seu autor⁴⁶”. Com este fundamento trinitário, estamos diante de um apelo ético-teológico, não só por respeito ao planeta, senão por respeito e adoração à Trindade, devemos cuidar equilibradamente do planeta terra.

CONCLUSÃO

Diante de tudo que falamos até agora, persiste a profecia de afirmar que a escolha à vida é um apelo transgressor que tem consciência que a mentalidade do sistema vigente carrega consigo um clima generalizado de *niilismo*⁴⁷, conspirador que leva os seres humanos a era do vazio. Estamos diante de

⁴³ Ainda seguindo a teologia de Tomás de Aquino compreendemos que em Deus há duas processões, uma por geração e outro por espiração. Essa última é a processão do amor em Deus que não deve ser chamada de geração. “O que em Deus procede por modo de amor não procede como engendrado nem como filho, senão mas bem como espírito em sentido de certa moção ou impulso vital”. Ibidem, q. 27, a. 4, in c.

⁴⁴ Tal princípio teológico é desenvolvido com toda propriedade pelo teólogo Xavier Pikaza ao comentar a questão 45, a. 6. da Suma Teológica I de Tomás de Aquino. PIKAZA, Xavier. Op. cit. pp. 203-205.

⁴⁵ Atribui-se ao Pai o poder, que se manifesta principalmente na criação, e por isso se chama Criador; ao Filho a sabedoria, pela qual tudo tem sido criado; ao Espírito Santo a bondade, a que pertence o governo e a direção dos seres aos seus devidos fins, e a vivificação; posto que a vista consiste em um certo movimento interior, e o primeiro motor é o fim e a bondade. Ibidem, 205.

⁴⁶ CANTALAMESSA, Raniero. *O Canto do Espírito* – meditações sobre o Veni Creator. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 41.

⁴⁷ Nietzsche definiu como niilismo a descoberta da perda de verdade, da morte de Deus, ou melhor, o estado, a condição de um mundo sem mais verdade, fundamentos e indicou duas possibilidades que sucedem a essa tomada de consciência, os dois caminhos que se mostram perante esse reconhecimento, o “niilismo relativo” (da nostalgia, da paralisia, do ressentimento, do relativismo extremado) e o “niilismo ativo” (ou consumado), que assume

uma realidade onde se estala um novo estágio de individualismo, tornando possível viver sem idéias, sem utopias e sem finalidades transcendentais. Aqui se localiza todos os tipos de ameaça a vida, entre elas destaca-se a indiferença e o desinteresse, a perda do sentido de responsabilidade e de cuidado, a sedução de ter nas mãos um poder demiurgo sobre a natureza e sobre o próprio homem, reduzindo-os a uma simples matéria possível de ser modificada segundo seu próprio prazer; a busca desenfreada de uma liberdade de e não de uma liberdade para.

Entre todas as ameaças à vida faz-se necessário destacar que a questão da destruição da terra, esta provavelmente não será causada por um asteroide que se chocará contra a Terra, mas será o resultado do egoísmo humano. Este está esquecendo-se de sua fontalidade, ao enveredar pelo caminho do fechar-se em si mesmo, nega a sua dimensão relacional e pericorética.

É o fascínio do *niilismo*, deste processo sutil que priva o ser humano de empenhar-se por razões mais altas. Que o faz abraçar o que é momentâneo e assegurar-se no que é débil e fraco. Neste niilismo generalizado os seres humanos querem fugir do esforço e da paixão pela verdade e pela vida para entregar-se ao *carpe-diem* de Horácio, ao imediatismo, do aqui e ao agora⁴⁸. O importante é o momento, o que veio antes e o que vem depois não me interessa. É preciso viver o presente, simplesmente o presente, não mais em função do passado e do futuro. Estamos diante da real perda do sentido da continuidade histórica⁴⁹.

Defender, pois, a vida é reconhecer que antes de tudo ela é dom de Deus. Neste sentido, onde quer que aja vida, segue sendo, embora com todas as suas deficiências e sofrimentos, dom de Deus e reflexo de Deus. Escolher, pois, a vida é responder ao Deus que é Vida e Amor e que não se cansa de dar-se a nós sem medida. O Deus da vida é o Deus do envolvimento, da criatividade e da inovação. É o Deus que nos coloca no quadro do seu designo de amor, como co-responsáveis da criação que resplandece a sua beleza. Deus habita esta terra, ele a tocou, como tocou a cada um

a perda da verdade e o fim dos valores supremos e que deles extrai a força para se tornar o pressuposto e o movente de um processo de libertação e criação.

⁴⁸ FORTE. Bruno. A essência do Cristianismo. Petrópolis: Vozes, 2003, pp. 13-28.

⁴⁹ Op. Cit., p. 33

de nós. Tudo o que Deus toda é Belo. A Beleza de Deus se faz presente na defesa da vida.

Prof. Ms. Donizete José Xavier
Professor na Pontifícia Faculdade de Teologia
N. Sra. da Assunção/SP.

BIBLIOGRAFIA

- BALLESTER, Martín Gelabert. *Jesucristo, revelación del misterio del hombre* – Ensayo de antropología teológica. Salamanca/Madrid: San Esteban/Edibesa; 1999.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar, ética do humano* – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes; 2002.
- _____. *Princípio de Compaixão e Cuidado*, Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *Seleção de textos espirituais*; Petrópolis: Vozes, 1991.
- BURGGRAF, Jutta. *Teologia Fundamental*. Manual de Iniciação. Lisboa: Diel; 2005.
- CANTALAMESSA, Raniero. *O Canto do Espírito* – meditações sobre o Veni Creator. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CARVALHO, Maria Manuela. *A Consumo do Homem e do Mundo*. Lisboa: Universidade Católica Editora; 2002.
- CARDEDAL, Olegario González. *La entraña del cristianismo*. Salamanca: Secretariado Trinitario; 2001.
- DUQUE, João. *Homo Credens para uma teologia da fé*. Lisboa: Universidade Católica Editora; 2004.
- FISICHELLA, Rino. *Repensando a fé num momento de mudança epocal*. 3 aula, A caminho, em direção a fé. São Paulo. Apostila.
- FORTE. Bruno. *A essência do Cristianismo*. Petrópolis: Vozes; 2003.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da Vida*. São Paulo: Loyola; 1992.
- CIOLA, Nicola. *Cristologia y Trinidad*. Salamanca: Secretariado Trinitario; 2002.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio* – ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.
- MOLTMANN, Jürgen. *Ciência e sabedoria* – um diálogo entre ciência natural e teologia. São Paulo: Loyola, 2007.

- _____. Trindade e Reino de Deus – uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Vozes; 2000.
- PIKAZA, Xavier. *Enchiridion Trinitatis* – textos básicos sobre el Dios de los cristianos. Salamanca: Secretariado Trinitario; 2005.
- SECO, Lucas F. Mateo. *Dios Uno y Trino*. Pamplona: Eunsa; 1998.
- SIBILIA Paula. *O Homem Pós-Orgânico – Corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume&Dumará; 2003.
- SOUZA, Hebert e RODRIGUES, Carla. *Ética e Cidadania*. São Paulo: Editora Moderna, 2001.